



FILIAIS E AGÊNCIAS

- FILIAL DE BRAGA -

A atividade da Caixa Geral de Depósitos, em Braga, iniciou-se através da repartição de finanças local, sob a forma de delegação, cerca de 1887.

O 1º depósito foi efetuado a 22 de Dezembro desse mesmo ano, no valor de 500 réis, por um negociante de profissão.

Com a lei nº 365, de 28 de Agosto de 1915, a Caixa é autorizada a realizar operações de empréstimos nas filiais da Caixa Económica Portuguesa. No art. 2º *“a administração da Caixa Geral de Depósitos fica autorizada a despende até 280.000\$ do seu fundo de reserva, na construção, aquisição e adaptação de edifícios e compra de mobiliário para as filiais da Caixa Económica Portuguesa”*.

Através desta lei são criadas filiais da Caixa Económica Portuguesa nas cidades de Braga, Viseu e Faro, à semelhança do que havia acontecido dois anos antes para a cidade do Porto.

No mesmo ano, a 13 de Setembro, a Caixa adquiriu um palacete em Braga, na Avenida Central nº 17, para instalar a filial, no valor de 30.000\$00. Tratava-se de um grande edifício, considerado um dos melhores em Braga, com duas vantajosas passagens laterais, um pátio nas traseiras, ladeado, num nível superior, por um vasto quintal. Com muito boa localização, a curta distância da Praça da Arcada, a Avenida Central era considerada uma emblemática artéria da cidade, situada em pleno centro de Braga. A frente do edifício, virado precisamente para a dita avenida, tinha 26 m, sendo 19,5m referentes ao edifício e os restantes 6,5m às passagens laterais acima mencionadas, acedidas através de dois portões de ferro.

O palacete datava de meados do século XIX e foi construído, inicialmente, como residência de uma família abastada de Braga, tinha dois pisos e sótão com uma profundidade de 38,7m. Acrescia ainda um terraço e um anexo localizados sobre as duas passagens laterais. Caracterizava-se por uma construção rica dado o tipo de materiais empregues e decorações existentes, com elevado pé direito dos pisos e dimensões dos vãos.

A entrada principal fazia-se por três largas portas que davam para um átrio amplo, o qual permitia o acesso ao 1º andar, através de uma escadaria, com um lanço lateral e dois centrais em madeira do Brasil, com corrimão apoiado em pilares. Ao nível do sótão, sobre a mesma escadaria, desenhava-se uma galeria. As portas eram na sua maioria em mogno e nas dependências nobres, os tetos estavam decorados com pinturas a óleo, que retratavam cenas do quotidiano, molduras em gesso e madeira e paredes desenhadas a escariolas.



O seu interior manteve-se quase em estado original, dado que a Caixa não promoveu muitas mudanças quando instalou a sua filial. Notavam-se pequenas alterações para a instalação dos serviços, e apenas no r/c.

O edifício destacava-se pelo elevado número de divisões e de grandes dimensões, nomeadamente, o salão de baile com 11m x 7,5m. Inclusivamente, o gerente da filial solicitou à administração, autorização para se instalar no edifício. Foi-lhe concedida essa autorização mas com determinadas condições, só poderia ocupar duas das divisões, cozinha e casa de banho e mediante o pagamento de uma renda (100\$00 p/mês), sendo da sua responsabilidade a preservação do espaço ocupado. A 17 de Janeiro de 1931, o chefe da filial, António Bernardino da Cunha Pereira Macedo, fixava residência no edifício.

Quando a Caixa decidiu desfazer-se deste edifício, o seu estado de conservação era razoável, verificando-se, no entanto, a necessidade de proceder a obras de limpeza e pintura, reparações na cobertura e/ou substituição dos soalhos das dependências do r/c, que davam para o pátio.

Este edifício tornou-se o albergue da filial da Caixa a partir de 2 de Dezembro de 1915. No rés-do-chão funcionava o atendimento ao público, a tesouraria e, mais tarde, a Casa de Crédito Popular. No 1º andar estava instalado o gabinete da gerência, o arquivo e um salão para outros serviços. No mesmo prédio, tinham ainda lugar a residência do gerente da filial.

Inicialmente o quadro de pessoal da filial era composto por 6 elementos, o chefe, um 2º oficial, um 1º praticante, dois 2ºs praticantes e um tesoureiro. A entrada na década de 30/40, fomentou algumas mudanças importantes na filial. Por um lado, obrigou a um reforço do quadro de pessoal, e por outro, a necessidade de um espaço maior onde os serviços pudessem funcionar com maior eficácia.

Como consequência, a Caixa adquire em 1937 um outro edifício, não muito longe deste e na mesma Avenida Central, que pertencera ao Banco do Minho, entretanto falido. Curiosamente, este estava contíguo às instalações do Banco de Portugal, que partilhava com o novo edifício da Caixa, uma das entradas laterais, da qual fazia serventia.

Tinha um excelente traçado arquitetónico, no mesmo estilo do primeiro, com granitos trabalhados e uma cornija em forma de pilar, tendo nas laterais dois jarrões e um relógio ao cimo.

As novas instalações viriam a ser inauguradas a 1 de Setembro de 1953, depois de anos de sofridas remodelações e adaptações às novas necessidades da filial. A 23 de Outubro do mesmo ano, a CGD, decidiu vender o antigo edifício, na altura devoluto. Foram algumas as entidades interessadas em comprar este prédio, no entanto, veio a verificar-se que nem todas reuniam as condições necessárias para a sua aquisição. O Grémio do Comércio de Braga foi uma dessas entidades, acabando por deitar por terra o negócio, devido ao capital inicial pretendido e às condições de pagamento exigidas pela Caixa. Este edifício vocacionava-se principalmente para a instalação de serviços públicos, associações, colégios ou outros da mesma natureza, para que pudessem tirar o devido partido, tanto



da sua localização como, também, do prédio e das suas grandes dimensões. No entanto, mesmo assim, seriam necessárias algumas adaptações que, por conseguinte, seriam dispendiosas.

O edifício foi à praça várias vezes:

“Prédio urbano composto de uma morada de casas apalaçadas, com r/chão e 1º andar e jardim, sito na Avenida Central nº 17, descrito na Conservatória do Registo Predial de Braga, sob o nº 31.059, a fls. 113-vº. do livro B-87, omissa na matriz”.

Só em 4 de Fevereiro de 1955, o mesmo foi finalmente arrematado por 1.260.000\$00 com base de licitação de 1.200.000\$00, à Fundação para a Alegria no Trabalho. A escritura pública realizou-se no dia 12 de Agosto do referido ano.

O novo edifício inaugurado em 1953, teve várias fases de adaptações, devido ao crescimento dos serviços advindo da própria evolução económica. Nos finais da década de 80 foram efetuadas novas obras no edifício, prevendo, desta vez, as exigências das décadas vindouras e o previsível aumento dos seus clientes!

O novo edifício para a acomodação da filial, serviu as antigas instalações do Banco do Minho. No entanto, este necessitou de grandes transformações até ser concluído sendo palco de demolições, reconstruções e/ou adaptações e ampliações.

Em 25 de Julho de 1952, o edifício da filial estava concluído, todavia, os pequenos ajustes, substituições e melhoramentos continuaram até muito mais tarde, e em 1970 já se confirmavam desejos de mais alterações ao edifício de Braga. Em julho a administração da CGDCP, solicitou à Comissão¹ a modificação da instalação elétrica, fornecimento e montagem de armaduras da luz fluorescente, promovendo assim, também, uma vistoria geral de toda a instalação elétrica, incluindo toda a substituição de materiais que se tornassem necessários.

Recuando ao ano de 1942, a Caixa havia terminado as obras de adaptação deste mesmo edifício, no entanto, não tendo ainda, nesta altura, transferido a sua atividade para a nova filial. Cinco anos passados, a Caixa solicita um projeto de ampliação, junto do Ministério das Obras Públicas², no sentido de criar no novo edifício, instalações próprias para os serviços da Casa de Crédito Popular. Inicialmente, não haviam sido contempladas no novo edifício, por falta de área para os considerar. Devido ao forte incremento na CCP de Braga, a Caixa decidiu que seria de todo o interesse da instituição criar um espaço para esse fim, dando lugar a um novo anteprojeto de remodelação. No

¹ O decreto-lei n.º 32.337, de 23 de Outubro de 1942, determina: “As obras de construção, ampliação e conservação de edifícios da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência serão administradas e fiscalizadas por uma comissão administrativa dependente do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, através da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais”;

² Comissão Administrativa das Obras da Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, “nomeada pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações e compor-se-á de um administrador da Caixa, por ela proposto, de um engenheiro civil de reconhecida competência em trabalhos de construção civil e de um arquiteto” in Diário do Governo, I Série, N.º 246, 23 de Outubro de 1942.



ano de 1949 essas alterações, depois de autorizadas, já haviam sido consideradas na empreitada em curso. Depois de estas terminarem, foi adjudicada nova empreitada, concluída ainda nesse mesmo ano.

Com a visita do administrador, Guilherme Moreira, foi determinado que seria necessário solicitar nova intervenção da Comissão Administrativa no sentido de aproveitar melhor o rés-do-chão, e o seu espaço disponível para ampliação da sala dos serviços da Caixa Económica Portuguesa.

Com a conclusão de todas as empreitadas a filial de Braga ficava com área mais que suficiente para a instalação de todos os seus serviços. A área correspondente ao edifício primitivo era de 786 m², depois da ampliação com um total de 1619 m², o que significa que foi conseguida uma área extra de 833 m², sendo que, curiosamente, esta última, foi superior à área do edifício original.

Todavia, a questão da ampliação não foi pacífica dado que não existia terreno limítrofe disponível para projetar mais edifício, no entanto, foi aproveitada uma pequena superfície na parte superior do mesmo e também, pela interposição de um novo pavimento através da diminuição do pé direito do primeiro andar, demasiado exagerado. Por fim, o aproveitamento da altura desperdiçada até à cobertura.

Assim, o projeto, de acordo com a memória descritiva, teria cinco pisos: a cave, onde ficariam instaladas as casas fortes, casa da caldeira e carvoeira; rés-do-chão, destinado aos serviços da Caixa Geral e Casa de Crédito, ficando este piso de acesso ao público; 1º andar, como apoio aos serviços anteriores, como sala de trabalho, Arquivo, Gabinete, Junta Médica e anexos da Caixa Geral e respetivo armazém da Casa de Crédito; um 2º piso intermédio, entre o primeiro piso e o telhado, e o próprio vão de telhado, destinado a arrecadações.

Como entradas exteriores foram projetadas quatro: a entrada principal da Caixa Geral, a entrada da Casa de Crédito, entrada dos cofres forte particulares e entrada de serviço para a Casa de Caldeira e Carvoeira. Foram ainda projetadas para a comunicação entre os diferentes pisos, quatro acessos por escadas.

Por conseguinte, nos anos que se seguiram, o problema de espaço manteve-se e nessa medida, estiveram sempre presentes, como já verificámos, novas obras no edifício. Como consequência desta situação no final da década de 80, a filial de Braga funcionava em dois edifícios distintos: na Avenida Central e no 6º andar do Centro Comercial Santa Cruz, situado no Largo Carlos Amarante, que a Caixa adquiriu.

Em 7 de Janeiro de 1991, foram inauguradas novas instalações coincidindo com as comemorações do 75º aniversário da filial. Agora, completamente remodelado, o edifício, passou a ter uma área de 1 720 m².

Assinala-se este ano o 100º aniversário da filial de Braga.



Bibliografia

- *Boletins de Informação Interna*;
- Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos;
- *Direção de Negócio Imobiliário DNI*, Caixa Gral de Depósitos;
- Legislação.

Helena Real Gomes

*Gabinete do Património Histórico da Caixa Geral de Depósitos
(Março de 2015)*



GALERIA DE FOTOS



Foto 1 – Filial da *Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência*, em Braga antes das alterações.



Foto 2 – Alterações previstas ao edifício da Filial de Braga, da CGDCP, aprovadas em reunião de Câmara (Câmara Municipal de Braga) a 14 de Novembro de 1940.



Foto 2 – Novas instalações da Caixa, na Avenida Central, nº 5, inauguradas em 1953.



Foto 4 – Vista do edifício das instalações da Caixa, na Avenida Central, década de 80.



Fotos 5 e 6 – Edifício da Filial da CGD, em Braga (2015)